

Argumento contra argumento

“Onde é a saída?” é uma pergunta retórica, mas também é um projeto de dança de vídeo de arte, enfim de gente.

Pergunta retórica porque naturalmente caso alguém dê a resposta, pois tem sempre alguém com boas soluções, nós imaginamos quais possam ser e as consideramos como válidas, porém assumimos do mesmo modo todas as impossibilidades que cercam as soluções.

Vejam, alguém pode dizer que a saída é a paz mundial ou, ainda mais, a criação e a execução de políticas públicas muito sérias que ajudem a transformar o planeta, a saída está na própria humanidade e suas potencialidades, a saída está na arte.

Esta última é aquela típica bem romântica.

Se a arte pudesse realmente ser alguma saída possível para todas os encurralamentos que nos colocamos, porque chegamos aqui? As portas já estariam todas dadas, abertas, destrancadas, seriam transparentes, lúcidas, translúcidas, todavia não estão, não são. Há uma série de incertezas e escuridão à nossa frente, ainda que se tenha produzido muito material em arte.

Ou muito melhor, eu diria, a saída está nas janelas que foram criadas (o windows) para que pudessemos abri-las todas ao mesmo tempo e nos deleitar em termos de informações, entretenimento, arte, comunicação com os nossos que se encontram numa longa distância, enfim Bill Gates teria inventado a grande saída que não nos tira do lugar, mas nos coloca em interface com mil possibilidades. “Windows” é uma espécie de grande ferramenta tecnológica que nos tirou de um limbo escuro e complicado e facilitou nossa vida, antigamente a coisa era feita no DOS.

Pensando assim o Windows é co-criador desse projeto, se não for ele o grande mentor prévio, que com sua grande capacidade intelectual nos colocou nessa situação cibernética.

“Onde é a saída?” foi inventado muito antes dessa pandemia que estamos vivendo, o COVID-19, que hoje nos coloca em isolamento social. O fato é que para colocarmos nosso projeto em curso precisávamos de tempo, algumas ferramentas e quem sabe algum investimento.

O isolamento em que vivemos atualmente abriu alguma possibilidade de tempo e as ferramentas encontradas, além de nossos corpos, fazem parte de um arsenal eletrônico entre celulares, computadores, câmeras, programas de interface, “a nuvem”, tudo muito bem alinhado à tecnologia das janelas abertas.

Onde vamos chegar com isso? Talvez em nenhum grande lugar, porque sabemos que o escoamento ou distribuição desse material ainda que tenhamos tantas possibilidades de fazê-lo, depende muitíssimo de interesse público e acesso.

O artista vive, de uma certa maneira nesse mundo de capitais, do interesse do outro. A brecha que encontramos nessa saga fugidia é apenas uma, mas é uma brecha, pois não sabemos se é uma saída por excelência, que seria: elaborar respostas e perguntas ou perguntas e respostas, enfim a ordem desses fatores pode influenciar nos resultados, para que consigamos minimamente pertencer a esse momento. Elaborar o que está nos cercando em termos simbólicos, portanto político.

Diante da Pandemia que está ocorrendo nesse ano, 2020, e que vem se arrastando desde o final do ano passado vem à tona aquela velha máxima conhecida nossa, salve-se quem puder.

Não há nenhum dispositivo que garanta a continuidade das nossas vidas. O isolamento social poderia ser esse dispositivo, mas não obstante à sua eficácia, milhares de corpos continuam sendo enterrados diariamente devido a gripe do coronavírus. E nós que continuamos por aqui como nos portamos diante de tudo? Que valor temos afinal?

Bom, de algum modo assumimos que fazemos parte de capital humano que serve ou deveria servir como mão de obra qualificada, com um adendo, não sabemos se agregamos muito valor às mercadorias ou se produzimos mercadorias para serem consumidas e de algum modo justificarmos melhor, do ponto de vista econômico, a nossa existência e a existência do nosso trabalho. Com mais um adendo, consideramos que o pensar é uma parte do nosso trabalho.

Qual é afinal a saída para uma situação em que certos trabalhos de expressão artística não consegue alcançar algum valor que extrapole a comunhão de meia dúzia de pessoas?

Valorizamos muito essa possibilidade de podermos elaborar onde estamos e o que está nos envolvendo, mas não pode ser só isso. Esse contentamento é antigo e serve de argumento para o passado se fazer presente e de modo perverso subvaloriza nossa ação no mundo. Por que continuaríamos a olhar para os trabalhos feito antes do nosso se não para entendermos em que situação se encontravam nossos ancestrais e o que resta daquela situação até hoje?